

Esse obscuro objeto melancólico¹

Caio Tavares

O tema da melancolia atravessa séculos da história da humanidade e ainda hoje guarda algumas controvérsias no campo psicanalítico e outros campos, em geral. Ele é atravessado por diversos discursos, da medicina à filosofia, da literatura às artes. A dor de existir e seus desígnios inquieta o humano desde a Antiguidade, quando a melancolia figurava na teoria dos humores de Hipócrates, e era associada aos quadros de delírios parciais e ao êxtase que oscilava entre genialidade e loucura. Capturada no final do século XVIII pelo campo médico-psiquiátrico, a melancolia ganha o caráter de uma entidade nosológica, adquirindo o estatuto de uma forma de loucura. Este trabalho visa abordar questões relativas à linguagem e violência pelo viés do referencial teórico-clínico da psicanálise, propondo uma articulação com o tema da melancolia e o objeto. Ele é fruto de uma pesquisa de Mestrado mais ampla, que se debruça sobre o estatuto teórico-clínico da melancolia na psicanálise.

Violência e linguagem

Discutir a questão da violência é voltar-se para a própria teorização da psicanálise sobre a constituição dos seres de fala, os *falasseres* – ou *parlêtres*, na expressão original de Jacques Lacan – a partir da operação de alienação e separação ao campo da linguagem, do Outro como tesouro dos significantes. Ela aparece nas primeiras formulações freudianas sobre a dinâmica pulsional, sob a forma da agressividade do eu para com os objetos do mundo, colocada desde os primórdios da existência de cada indivíduo. Para Lacan, o ser falante se faz existir sob o crivo do Outro da linguagem, que o antecede e o aliena a seus significantes, traçando as coordenadas simbólicas que determinarão seu advento no mundo e sua assunção como sujeito. Ele será, de partida, falado, “violado” pela linguagem e investido – em maior ou menor grau – como objeto de desejo deste Outro, para poder existir. Esta condição primordial de objeto pode ser traduzida sob a forma de uma *violência objetiva*, constitutiva para o ser de fala e que, numa mesma operação, faz existir um sujeito do inconsciente, dividido. Como resto desta



operação tem-se o objeto, aquilo que se separa do Outro. O esquema λ , de Lacan, exemplifica bem uma constituição dúplce: no eixo imaginário (a-a'), o eu aparece como espelho do outro, enquanto no eixo simbólico, o sujeito é consequência do Outro (S-A).

Este esquema traduz a divisão (*Spaltung*) original do sujeito, ressaltada desde Freud. Trata-se de uma dupla divisão: o sujeito é barrado pelo significante, cindido entre consciência e inconsciente, e também o resto desta divisão é nomeado por Lacan como objeto *a*, que será a causa de desejo deste mesmo sujeito. O significante, portanto, está presente *a priori*, na ordem simbólica, e é através dele que o sujeito será representado para outro significante. Ele está presente no intervalo entre significantes. O objeto, por sua vez, não é representado pelo significante, ele cai a partir do momento em que a simbiose do sujeito com o significante se rompe.

A psicanálise toma a violência como elemento estrutural (e estruturante), não como instinto natural presente no humano. A própria instauração da linguagem é insígnia primordial da violência, na assunção do sujeito do inconsciente. Ao longo de sua existência, este sujeito se mostra parasitado pela linguagem, através das formações do inconsciente – sonhos, sintomas, atos falhos, etc. – e é pela linguagem que pode fazer a travessia de um assujeitamento - como *subjectum*, está “sob”, submetido – à tomada de uma posição subjetiva. É justamente este posicionamento que diferencia o sujeito do objeto, constituídos numa mesma operação. Contudo, conforme a entrada deste sujeito na ordem simbólica, ele situar-se-á numa estrutura, a partir de um significante primordial, que divide ou não o campo do Outro, o Nome do Pai, definindo a fronteira entre a neurose e a psicose.

A fim de pensarmos a relação estrutural entre sujeito e objeto, retornamos a Freud. Em termos freudianos, a constituição do indivíduo (já que não emprega o termo “sujeito”) é marcada por uma ambivalência com o mundo externo. A própria ideia de “indivíduo” para a psicanálise é problemática, já que todos somos divididos, por excelência. Em sua metapsicologia, Freud corrobora esta assertiva através de uma teoria pulsional, nomeadamente na polaridade entre amor e ódio, ou seja, a capacidade de a pulsão reverter-se a seu oposto, em seu conteúdo; e entre atividade e passividade (escopofilia e exibicionismo, sadismo e masoquismo). De acordo com Freud (1912/2006), o “sujeito do ego” é passivo em relação à estimulação do mundo externo mas reage a ele de forma ativa, através de um movimento pulsional.

A satisfação pulsional, originalmente autoerótica, se contrapõe a uma indiferença com o mundo externo, ao mesmo tempo fonte de desprazer e de obtenção de prazer, pela introjeção de objetos que conferem prazer. De partida, supostamente haveria uma unidade interna do eu, que rechaçaria tudo o que fosse do mundo externo. No entanto, conforme advertem Lyra e Camargo², “a suposição de uma unidade primordial plena tem algo de insustentável – já que, desde sempre, as moções pulsionais internas podem ser percebidas como desprazerosas, e os objetos externos podem ser fontes de prazer”. Ao invés de uma unidade, temos então uma divisão desde o início:

Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente)³

A indiferença que era sentida em relação ao mundo externo, torna-se então ódio, em que o mundo externo confunde-se com o que é odiado, o que faz com que o ódio seja temporalmente antecedente ao amor, este que o eu pode dirigir aos objetos. Freud então põe em jogo a questão da agressividade na fronteira entre eu e o objeto, este último atraído em benefício da própria preservação do eu e repellido a ponto de incitar sua destruição. Em suas palavras, “O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele”⁴. Há, portanto, uma parcela do próprio eu que expelle um “excesso interno inominável [...] expulsão mítica e estrutural”⁵ para se constituir.

Em diversos trechos de suas obras Freud faz referência a esta alteridade constitutiva. Desde o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, ele destaca uma experiência de satisfação primordial do bebê a partir do contato com o outro, o próximo, que denomina “complexo do próximo” (*Nebenmensch*). Ao mesmo tempo em que oferece uma possibilidade de satisfação para o sujeito através de um contato com o objeto – que vem a se tornar primeiro objeto de desejo e introduz o sujeito no campo desejante, para além da pura necessidade – o outro também o frustra, já que a experiência nunca se repete de forma completa, absoluta. Algo que resiste como Coisa (*Das Ding*, posteriormente retomada por Lacan), “aparece como estranho ou mesmo hostil”⁶. Como aponta Rinaldi (1996), esta relação ambivalente com o próximo se traduz por uma articulação entre a identidade e a separação à alteridade.

Melancolia: sujeito ou objeto?

Para ilustrar a constituição do sujeito – mais especificamente o eu, em termos freudianos – frente ao objeto, num caso particular dentre as estruturas e tipos clínicos, proponho uma articulação com o tema da melancolia. A melancolia é, sem dúvida, um dos conceitos – metapsicológico e psicopatológico – de maior complexidade na psicanálise. Atravessando séculos de história, da Antiguidade grega ao Renascimento e posteriormente capturado pelo discurso médico-psiquiátrico, este quadro clínico é resgatado por Freud desde suas primeiras formulações sobre a psicanálise. Ele nos auxilia a pensar uma série de questões inerentes ao próprio campo psicanalítico, como a fronteira entre neurose e psicose, a questão do luto e da perda, as insígnias da tristeza e da dor de existir (Lacan), bem como a crueldade da pulsão de morte e a agressividade (Freud).

Freud, ao se ocupar do tema da melancolia, ao articulá-lo ao trabalho do luto (*Trauerarbeit*), ou seja, a elaboração da perda de um objeto amado, aponta uma diferença: na melancolia, esta perda, de caráter mais “ideal” – sabe-se *quem* perdeu, mas não *o que* perdeu – converte-se em perda narcísica. Na medida em que a escolha objetal para o melancólico é realizada com forte fixação no objeto amoroso, aliada a uma base narcísica, há uma regressão dessa escolha a um narcisismo primário, sob a forma de uma identificação. Desse modo, o eu só pode tratar a si próprio como objeto, tal como se o incorporasse.

O obscuro objeto melancólico não pode constituir-se como parte deslocada do sujeito, de modo que “a sombra do objeto caiu sobre o ego”⁷, não pondo em jogo a possibilidade da perda. Assim, podemos nos questionar se, no caso da melancolia, não haveria a expulsão estrutural do objeto, anteriormente mencionada, mas, no lugar, uma colagem deste ao próprio eu. O objeto não se constitui como aquilo que cai do sujeito, mas engendra um impossível de perda. No entanto, é inevitável que o sujeito se depare com perdas ao longo da vida: a ausência desse objeto, então, ao invés de ser subjetivada, tal como no trabalho do luto, só pode equivaler-se a uma perda no próprio eu, o que justifica o desencadeamento dos quadros de melancolia.

A agressividade constitutiva que o sujeito originalmente dirigiria aos objetos, no melancólico é dirigida ao próprio eu, por conta da ambivalência e da identificação narcísica ao objeto. A resposta que o sujeito encontra, na melancolia, é fazer-se objeto da própria agressividade. Desde 1910, em *Considerações para uma discussão*

acerca do suicídio Freud já dava pistas sobre uma possível articulação entre a melancolia e o suicídio, ao se questionar sobre o enigma de como “o ego pode renunciar à sua autopreservação, por seus próprios motivos egoístas”⁸.

A relação ambivalente do eu do melancólico com o objeto desvela a face da referida agressividade constitutiva. A catexia erótica do melancólico, de acordo com a teoria freudiana, segue uma dupla regressão: de um lado, à identificação narcísica com o objeto perdido, de outro à etapa do sadismo. A hostilidade que normalmente seria dirigida aos objetos do mundo externo, é cravada no eu, autodirigida. A chave para compreensão da melancolia, no entanto é justamente o fato de que o eu ao tratar-se como objeto, vingasse de sua perda. Todos os processos de um complexo melancólico engendram um *auto* (*Selbst*), um processo *Selbst* (QUINET, 2009): autocrítica, auto-recriminação, autodepreciação, auto-avaliação, auto-acusação, auto-tormento, auto-insulto e autopunição. As queixas que faz o melancólico a si próprio são como “dar queixa”, conduta que seria originalmente dirigida ao outro. A descrição deste elemento no quadro clínico toma a forma desde insultos voltados para si até mesmo uma expectativa delirante de punição, o que justifica uma tendência do melancólico ao suicídio.

Ao dirigir-se a si próprio com ódio e hostilidade, o melancólico se mortifica, podendo suicidar-se “ao tratar a si mesmo como um objeto”⁹. O suicídio melancólico é, em última instância um homicídio (em alemão *Selbstmord*, “auto-assassinato”), no qual o sujeito mata o objeto incorporado, na forma de um “suicídio pulsional”¹⁰, forma encontrada por ele de separar-se desse objeto, amado e odiado, já que é incapaz de elaborar o luto da perda. Com isso, o melancólico torna-se, em seu mundo de fantasia, ao mesmo tempo o assassino que vela e o morto pelo qual chora (MOREIRA, 2002).

Para além da identificação narcísica do melancólico com o objeto a teorização sobre a melancolia ganha outra conotação a partir do segundo dualismo pulsional de Freud após sua segunda tópica do aparelho psíquico, com a inclusão da pulsão de morte e do supereu, em *Além do princípio do prazer* (1920). Freud entende que, na melancolia, haveria uma “desfusão pulsional”, o que, conforme Hassoun¹¹, “está no princípio mesmo da destruição melancólica”. Ao invés de ligar a morte ao vivente, o que estaria no princípio de “fusão” das pulsões, o melancólico só enxerga a face mortífera, a pura cultura da pulsão de morte (FREUD, 1923/2006). A partir de uma desfusão pulsional, haveria uma sobrepujança da pulsão de morte: Eros e Tânatos não funcionam em conjunto.

Com o avançar de sua elaboração teórica, Freud desloca o conflito entre o eu e o objeto, para um conflito inerente à própria instância egóica e uma parte alterada de si, a “instância crítica” ou o “supereu” da segunda tópica, “alterada pela introjeção e contém o objeto perdido”¹²-. Há uma cisão no eu, que é vítima de um componente destrutivo, entrincheirado no supereu. A pulsão de morte, na melancolia, trabalha para um supereu sádico que entra em conflito direto com o eu, quadro que ele reserva o nome de “neurose narcísica”.

Lacan, em sua breve teorização sobre a melancolia, desloca a questão narcísica do conflito entre eu e supereu – sintetizado por Freud como mecanismo próprio da melancolia, uma neurose narcísica – para a particular relação do melancólico com o objeto *a* e a impossibilidade de realização de um luto. Ao invés de reinvestir a libido que descolaria do objeto perdido, como aponta Lacan¹³, “na melancolia, esse processo obviamente não dá bom resultado, porque o objeto supera sua direção. É o objeto que triunfa”.

Ao estabelecer uma relação narcísica e alienada com o Outro, o melancólico só encontra a possibilidade de se separar ao atingir o objeto do qual não se separou. A “morte do objeto” se dá de forma violenta, uma violência do objeto, que equivale a uma violência auto-dirigida. O sujeito está totalmente identificado a esta posição, indiferenciada do objeto, como resto, dejetivo, passível de deixar-se cair, como um nada. Aliás, desde *O Seminário – livro 8, “A transferência”*, Lacan destacara que “O melancólico está no simbólico e a prova disso é que ele não para de proclamar ‘não ser nada’”¹⁴. No lugar da simbolização de qualquer perda de objeto, o melancólico responde com um nada, ele é o próprio objeto que se faz presente como a “sombra”, mencionada por Freud. Esse obscuro objeto melancólico.

Para concluir, podemos fazer menção à experiência contemporânea, como apontam alguns autores, da falência dos ideais e a produção de um Outro esvaziado e mortificado, diante do qual o sujeito encontra um desamparo (CARVALHO, 2005). No caso da melancolia, supomos que este sujeito é assujeitado na sua condição mortificada de objeto-dejetivo. A presença tão maciça do objeto – não aquele eternamente perdido, jamais reencontrado e que se inscreve como faltoso, como na neurose – traduz-se, na melancolia, em sua face de excesso pulsional, não descolado do sujeito, transbordamento de gozo mortífero. O resto de qualquer possibilidade de separação do Outro é a face da violência para o melancólico, violência que emana do próprio objeto, um retorno da violência

objetiva evocada no início deste texto. Poderíamos afirmar que somente através do desalojar-se desse outro-em-si, expondo o obscuro objeto triunfante, tão amado e tão odiado, que o melancólico encontra seu próprio ser. Assim, expõe sua incontornável ferida narcísica, pulsante e dolorosa.

1 Este trabalho é resultado da uma pesquisa ligada ao Mestrado em Psicanálise da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizada por mim, sobre orientação do Prof. Ademir Pacelli.

2 Lyra e Camargo, 2012, p.85

3 Freud, 1915/2006, p.141.

4 op.cit, p.142.

5 Lyra e Camargo, 2012, p.86.

6 Rinaldi, 1996, p.48.

7 Freud, 1917/2006, p.254

8 Freud, 1910/2006, p.244.

9 Freud, 1917/2006, p.257.

10 Quinet, 2006, p.207.

11 Hassoun, 2002, p.14.

12 Freud, 1920/2006, p.119.

13 Lacan, 1962-63/1980, p.364.

14 op.cit, p.380.

Bibliografia

CARVALHO, S, "Ética e suicídio". In: TEIXEIRA, A. (Org.). *Especificidades da ética da psicanálise*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, pp. 168-176, 2005.

FREUD, S. (1910) Breves escritos: Considerações para uma discussão acerca do suicídio. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. v.14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1917) Luto e melancolia. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. v.. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1923) O ego e o id. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*. v.19. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HASSOUN, J. *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LACAN, J. (1960-61) *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1962-63) *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1980.

LYRA, R; CAMARGO, C. Ódio, um sentimento lúcido. In: VIEIRA, M.A.; BARROS, R. do R. (Org.). *Ódio, segregação e gozo*. Rio de Janeiro: Subversos e Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro, v.1, p.83-94, 2012.

MOREIRA, A. C. G. *Clínica da melancolia*. São Paulo: Escuta/EDUFPA, 2002.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

RINALDI, D. *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: Eduerj/Jorge Zahar, 1996.